

Amável formalidade: a religião em Machado de Assis

Kind formality: religion in Machado de Assis

Paulo Sérgio de PROENÇA*

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO: Este trabalho investiga a religião em Machado de Assis, tema insuficientemente estudado pela crítica, embora não de menor expressão. A Bíblia, fartamente utilizada pelo escritor, é utilizada não como fonte religiosa, mas literária e de fértil inspiração. A religião, como representada por Machado, não esconde a complexidade dos seres humanos; por isso, o Diabo dela participa, como contraponto necessário ao papel divino. Personagens e peripécias numerosas indicam que a religião em geral e o catolicismo em particular sancionam a ordem vigente e funcionam como um sistema formal, exterior, de casca, sem conexão com as legítimas necessidades de transcendência. Nesse vácuo, manifestações marginais de religiosidade, não oficiais, ligadas a classes socialmente subalternas, ocupam espaço, apesar do preconceito de que são alvo.

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Literatura. Machado de Assis.

ABSTRACT: This article investigates the theme of religion in the works of Machado de Assis. This is a theme that, despite its significance, has been insufficiently studied. Widely referred to by Machado, the Bible is taken as a literary text (rather than a religious one) and as a source of fertile inspiration. Religion, as represented by Machado, does not hide the complexity of human beings; for this reason, the Devil often appears as a necessary counterpoint to the divine world. Characters and several events indicate that religion, in general, and Catholicism, in particular, sanction the existing order and function as an external, strict, and formal system without connection to the genuine needs of transcendence. For this reason, unofficial and marginal manifestations of religiosity, often linked to lower social classes, appear in Machado's work, despite the prejudice they face.

KEYWORDS: Religion. Literature. Machado de Assis.

Introdução

Machado de Assis pinta um retrato fiel de sua gente e de sua época. Seus retratos derivam de um consciente propósito de fazer convergirem, sobre o particular,

* Professor-Doutor do Instituto de Humanidades e Letras da Unilab, Curso de Licenciatura em Letras, Campus dos Malês (BA). E-mail: pproenca@unilab.edu.br

projeções universalizantes. Nos personagens machadianos nos reconhecemos e nessa identificação somos capturados, não cabendo indiferença.

Sua portentosa obra de ficção tem sido virada ao avesso, pelas mais diferentes motivações. A religião não recebeu ainda dos críticos a atenção que merece. Assim, será apresentada breve avaliação do tema na obra do escritor, com o objetivo de construir uma visão panorâmica, com exame de elementos principais direta ou indiretamente vinculados, incluindo precauções necessárias, breve recensão, papel do diabo, religiosidade característica de personagens machadianos e manifestações de religiosidade marginal.

1. A religião e a Bíblia em Machado: precauções

Há uma tendência em análise literária que privilegia as associações entre a obra e a vida do autor. Desta forma, a religião retratada nas obras refletiria objetiva e diretamente as convicções do cidadão Machado. Devemos nos precaver contra esse ponto de vista sem, contudo, negar a possibilidade de que haja vínculos, talvez expressivos, entre essas dimensões. Interessa, aqui, a projeção ficcional que a religião recebe nos escritos machadianos.¹

Outra precaução diz respeito à Bíblia; pelo fato de ela ser fonte de religiões monoteístas, supõe-se a contemplação de seu valor religioso. A Bíblia é fonte literária para Machado. Sabemos que, como patrimônio cultural-literário-religioso da humanidade, ela é também inspiração a fiéis de diversas tradições e sustenta formas de relação com a vida e ideais que pairam acima das divergências confessionais.

Obstáculo é também a própria religião, que sanciona o valor canônico das Escrituras. A Teologia, por sua vez, reivindica para si o estatuto de ciência; é racional; tem método e objeto de estudo; sua principal fonte é a Bíblia, entendida como a revelação, e como a própria palavra de Deus. Segmentos mais conservadores associam à Bíblia a ideia de *inerrância*: as Escrituras não contêm erros, por serem *literalmente* inspiradas por Deus (PROENÇA, 2012, p. 33-34).

¹ Dois fatos da vida de Machado são importantes, quanto à religião. Na adolescência teria sido sacristão, o que contribuiria para sedimentar a fé no homem em formação. O segundo ocorreu por ocasião de sua morte, quando rejeitou a extrema unção. Entre esses dois extremos geram interrogações e especulações, e são limites que podem, coincidentemente, ser tomados como marcos de um percurso religioso que delineou a trajetória do homem e do escritor.

Dificuldade adicional pode ser encontrada nas características da tipologia do discurso religioso, que estatui verdades perenes sobre o passado, o presente e o futuro, tem respostas para todas as angústias humanas, não admite a dúvida e se assume como verdadeiro.

2. Breve recensão sobre Machado de Assis e a religião

Apesar de a religião ser considerada tema de menor grandeza em Machado, já mereceu estudos, ainda que parcos. O primeiro apareceu no centenário de seu nascimento, escrito por Dom Hugo Bressane de Araújo, para quem a ignorância religiosa de Machado é obstáculo intelectual, pois “paralisa, na sua origem, o movimento da alma para a fé [...] e sem o lume da fé, a obra de Machado de Assis, profundamente humana, não é cristã” (ARAÚJO, 1939, p. 38-39). Se não é cristã, não tem valor. As citações bíblicas, apesar de “inúmeras e frequentes, parecem açaimadas e não nos falam de cousas do céu. Nota-se vácuo profundo nessas páginas que nos trepanam a cabeça e fazem que vejamos representar verdadeiras tragédias” (ARAÚJO, 1939, p 39). Araújo acena com *raios de esperança*, vislumbrados na possível aceitação da fé cristã, no final da vida:

Teria, nos derradeiros instantes, ouvido dos lábios sacrossantos do Senhor esta consoladora palavra: “Na casa de meu Pai há muitas moradas?”

Teria, num ato de adoração fervente e amorável, proferido no imo do peito: “Meu Senhor e meu Deus?”

Compreenderia Machado de Assis que o “nada” é nada e que Jesus é o alfa e o ômega de nossa existência? (ARAÚJO, 1939, p. 62)

O critério de avaliação é o alinhamento à religião católica. O resultado é previsível, marcado pela parcialidade:² se não defende os princípios cristãos, a obra não é boa nem recomendável, porque perverte castos princípios. Subordina-se a obra à fé e a literatura à religião que, como tema de repercussão em Machado, não pode ser avaliada dessa forma redutora. Seu universalismo tem algo a dizer sobre o ser humano, pertencente a qualquer confissão de fé – ou a nenhuma.

Por ocasião do centenário de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a *Revista da Academia Brasileira de Letras* publica um ensaio de Dom Marcos Barbosa. Esse autor,

² Essa parcialidade não tem natureza religiosa apenas, e aplica-se a outras perspectivas críticas: Otávio Brandão (1958), por exemplo, diz que a obra machadiana tem pouca ou nenhuma grandeza, porque não se alinha aos princípios políticos e ideológicos do marxismo.

também religioso, indica que Machado conhecia a Bíblia e a liturgia católica, apesar de focar apenas aspectos exteriores; admite também que os escritos machadianos nos levam a Deus, pois, diante deles, o ser humano tende a buscar Deus. Dom Marcos considera que Machado ilustra “com sua vida e obra, a vitória do espírito” e “já nos coloca, de certo modo, a caminho da religião” (1980, p. 364), o que é sustentado pela seguinte passagem, a propósito da importância do *Eclesiastes* na obra de Machado: “Ora, o Eclesiastes [...] nos leva a concluir: se a sorte do homem é o que se vê sob o sol, então a vida é um disparate. E isto, paradoxalmente, nos conduz à fé, a uma vida futura” (1980, p. 372). Ao que parece, Dom Marcos Barbosa indica que situações de crise existencial são a ponte que pavimentam o acesso à esfera divina. Como Machado de Assis tematiza em profusão essa crise, ele estaria contribuindo para esse encontro.

Em 2008, Maria Eli Queiroz publicou *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Produzida para o ano do centenário da morte do escritor, a obra valoriza as produções adolescentes de Machado, época em que era forte a influência religiosa. Os poemas ressaltam a saudade e o sentimento de perda da irmã e da mãe, com uso significativo de temas religiosos. Para a autora, há evolução no uso da Bíblia por parte do autor. A relação inicial com a religião verificada no adolescente modifica-se, e o escritor passa, em algum momento, a se debater entre o bem e o mal. Divergindo de Araújo, Queiroz ressalta a importância da Bíblia em Machado:

cremos firmemente que [...] não poderia estar a ler textos bíblicos apenas à cata de assuntos para seus romances, contos, suas crônicas ou poesias. O Novo e o Antigo Testamento deveriam estar sendo perscrutados também no sentido de aclarar as suas dúvidas, sejam elas de que teor fossem. (QUEIROZ, 2008, p. 115)

Apesar de ser mais acadêmico, o livro incorre no mesmo vício de princípio apresentado por Dom Bressane de Araújo, ao tentar subordinar Machado aos preceitos canônicos da religião católica, conforme demonstra a seguinte passagem:

além de o homem Joaquim Maria Machado de Assis ter vivido dentro dos princípios cristãos (não os estamos referindo aos princípios católicos, vejam bem!) – funcionário exemplar, marido exemplar, acadêmico exemplar, amigo exemplar – o escritor Machado de Assis encarregou-se de sua missão

apostólica acima de qualquer outro escritor laico que tenhamos em nossa terra.³ (QUEIROZ, 2008, p. 174)

Essa pretensa missão apostólica é retomada, nos seguintes termos:

Sem dúvida alguma a literatura machadiana deixa entrever [...] na quase totalidade da obra, uma preocupação com o sentido da vida e com a posição do homem diante do Criador; ao mesmo tempo, aponta para uma ação messiânica e evangelizadora através da palavra. (QUEIROZ, 2008, p 189)

Fernando Brum defende, em 2009, dissertação intitulada *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. O trabalho insere a Igreja Romana no contexto da segunda metade do século XIX e percorre os principais tipos religiosos pintados por Machado. Percebe-se, também, motivação religiosa para o tratamento do tema, apesar de haver controle do gênero acadêmico.

Raimundo Faoro, em seu consagrado estudo intitulado *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, produz soberbo estudo sociológico da época em que Machado viveu; analisa instituições (exército, economia, trabalho, escravidão, Igreja), detendo-se na forma como são retratadas nas peças machadianas. O capítulo “Os santos óleos da teologia” se atém à religião; passeia pelas características principais do mundo religioso de Machado, analisando-o com argúcia.

Douglas Rodrigues Conceição estudou a experiência religiosa em Machado, sob perspectiva acadêmica, a partir da Antropologia. Parece que há aderência às narrativas; isso é questionável, tendo em vista a perene ambiguidade característica da pena do escritor. Os narradores do autor carioca não são confiáveis e não se pode tomar por certo o que o texto indica. Ao que parece, Conceição assume as experiências religiosas registradas em *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* como expressão da verdade do autor.

3. O papel do Diabo, gentil pai dos homens

A religião, em Machado, suscita interesse quanto ao papel desempenhado pelo Diabo, pois se trata de figura que ocupa importante lugar nos sistemas de fé, para os

³ Atribuir a Machado de Assis o figurino de religioso fiel e de modelo moral é reproduzir a convenção conservadora segundo a qual a piedade religiosa deve-se conformar, necessariamente, a padrões vigentes; nesse caso, a prática religiosa questionadora, crítica e revolucionária (conforme padrões bíblicos, aliás) não é aceita como legítima. Além disso, há a confusão entre o homem Machado e a sua obra. O cidadão poderia até ter sido piedoso; a religião, entretanto, é representada de forma diversa em seus escritos.

quais o Diabo é o antagonista de Deus, concentra tudo o que é negativo e mau, e é responsabilizado pelas dores e sofrimentos que os humanos suportam ou venham a suportar. Sua representação icônica reflete esse imaginário. Sua circunscrição é o inferno, lugar onde há “fogo e ranger de dentes” e onde os humanos são castigados com suplícios terríveis. Na religiosidade popular, nem sequer seu nome é pronunciado, daí as diversas variantes criadas: diacho, coisa ruim, tinhoso, etc. Na obra machadiana, as coisas se passam de forma diferente. Necessário à sustentação do status divino, o Diabo não é inimigo da humanidade: “Deus e o diabo colaboram na obra comum, com a significativa primazia do segundo, embora atue com permissão do altíssimo” (FAORO, 1976, p. 394).

No conto “Adão e Eva”, a narrativa da criação é vista pelo avesso: o Diabo tudo cria; não há pecado original. Machado recria a narrativa bíblica da queda, com a qual estabelece um diálogo intertextual polêmico. A narrativa projeta-se no jogo de contrários e ambiguidades e provoca tensão em relação à tradição cristã, pois é o Diabo quem tudo cria e Deus apenas corre atrás dele para amenizar o resultado.

O Diabo é cocriador. É isso que o nono capítulo de *Dom Casmurro* diz, em contexto do teatro: “‘A vida é uma ópera’, dizia-me um velho tenor italiano que aqui viveu e morreu [...]. E explicou-me um dia a definição, em tal maneira que me fez crer nela. Talvez valha a pena dá-la; é só um capítulo” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 938). Segue-se o capítulo IX, “A ópera”, que poderia ser considerado um conto-teoria sobre a história da criação da seguinte forma:

Deus é o poeta. A música é de Satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu [...]. Tramou uma rebelião que foi descoberta a tempo, e ele expulso do conservatório. Tudo se teria passado sem mais nada, se Deus não houvesse escrito um libreto de ópera do qual abrisse mão, por entender que tal gênero de recreio era impróprio da sua eternidade. Satanás levou o manuscrito consigo para o inferno. Com o fim de mostrar que valia mais que os outros, e acaso para reconciliar-se com o céu, compôs a partitura, e logo que a acabou foi levá-la ao Padre Eterno. (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 939)

Pediu Satanás que o Senhor a escutasse, emendasse e executasse. Por causa de enfática insistência, o Senhor consentiu na execução da peça, mas fora do céu. Para tal finalidade, criou um teatro especial, este planeta. Dispensaram-se os ensaios: “Foi talvez um mal esta recusa; dela resultaram alguns desconcertos que a audiência prévia e a colaboração amiga teriam evitado [...] [e] há lugares em que o verso vai para a direita e

a música, para a esquerda” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 940). O mundo é um teatro no qual são executadas peças criadas por Deus e por Satanás, não ensaiadas previamente: um desarranjo geral.

Nos escritos de Machado, o Diabo profere sermões e cria a sua própria igreja, com direito a evangelho e liturgia. “O sermão do Diabo” atesta a máxima exploração econômica de um ser humano sobre outro, motivada pelo interesse de cumulação de bens materiais, para cuja finalidade valem todos os meios – e tudo sob a inspiração de um texto bíblico tomado às avessas; publicado em 1892, o texto parodia o “Sermão do Monte” (Mateus 5-7). Alguns versículos de “O Sermão do diabo”:

- 3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.
- 4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.
- 5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.
- 6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos [...].
- 8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.
- 9º Vós sois o sal do *money market*. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar? [...]. (ASSIS, 2008, vol. 2, p. 620)

No conto “A Igreja do Diabo”, para cuja construção a intertextualidade bíblica é generosa e essencial,⁴ a atuação do Diabo é muito significativa. A técnica de manipulação usada pelo Diabo é descrita nos seguintes termos:⁵

- Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos [...].
- Sim, sou o Diabo, repetia ele. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... (ASSIS, 2008, vol. 2, p. 349)

O final do conto põe na boca de Deus um elemento-chave para a interpretação, não apenas desse texto, mas também de toda a obra machadiana: a complexidade do ser humano, que carrega dentro de si a contradição.

⁴ Há outros desdobramentos intertextuais, não menos relevantes, porque se combinam com elementos bíblicos: Goethe, Homero, Rabelais, Antonio Diniz (autor do poema “Hissope”) e Luculo. Esses autores e obras ligam-se aos pecados capitais, virtudes da igreja do Diabo. Goethe tem conexões com o duelo entre Deus e o Diabo, cuja inspiração reside em *Jó*.

⁵ *Manipulação* é termo tomado no sentido semiótico. Em termos simples pode-se dizer que, sustentada por um contrato (acordo), a manipulação é a ação de homens sobre outros homens com vistas à ação (sobre outros homens ou sobre a natureza-mundo). O proponente do acordo é o destinador-manipulador; o destinatário é o manipulado, a quem se propõem objetos (positivos ou negativos) com os quais se deve entrar em conjunção ou disjunção (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 269-271).

Há ampliação do papel do Diabo, despido de sua horripilante condição. Isso diz respeito à concepção sobre a religião e à filosofia de vida. Deus precisa do Diabo, que precisa de Deus. Um sustenta o outro. São necessários a um jogo em que o equilíbrio se impõe, devido à complexidade da alma humana. O homem não é só bom nem só mau: compõe-se, afinal, das dimensões humana e divina. Borram-se os limites das nossas características.

4. A religião em excertos de Machado

Como vimos, na obra de Machado, confundem-se as fronteiras entre o bem e o mal. Para exemplificar isso, as *Memórias póstumas* indicam que o vício passa a ser fonte de virtude. Brás Cubas compra a cumplicidade de dona Plácida, mulher pobre, com os cinco contos de réis que tinha achado; daí que “se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 701).

O sofrimento humano desafia a dimensão divina, que é indiferente às angústias de cá. Deus está mudo; se ele existe, está longe de se interessar pelos humanos, conforme indica o último período de *Quincas Borba*: “Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 928). No delírio de Brás Cubas, a natureza é mãe e inimiga, fria e indiferente; o começo de tudo é o gelo, como o Cruzeiro em relação aos dramas humanos. Desamparadas, as personagens de Machado perderam a fé: “Na indiferença do universo, apenas ativo por efeito de sua força intrínseca, Deus não só está mudo, senão que se ausentou do destino dos homens” (FAORO, 1976. p. 399). *Iaiá Garcia* já tinha antecipado o fenômeno, neste breve trecho: “O céu não lhe respondeu nada, esse imenso taciturno tem olhos para ver, mas não tem ouvidos para ouvir” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 586).

Faltam os arroubos de espiritualidade transcendente e o abandono voluntário à dimensão divina. Espelha-se nas páginas machadianas a religiosidade burocrática, peça de um jogo calculado cujas regras são as da formalidade, filha das conveniências sociais. Ocorrência tocante é a morte de Eulália, a virtual esposa de Brás. O pai da moça sofre com o reduzido número de *convidados* presentes no velório e no enterro.

Isso o fazia sofrer mais do que a perda da filha: “Amável Formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o vínculo da terra e do céu; tu enxugas as lágrimas de um pai” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 739).

Outra ocorrência significativa é a festa do Santíssimo, em *Dom Casmurro*,⁶ que serve de disputas entre José Dias e Pádua, pai de Capitu. O agregado reivindica para si e para Bentinho o papel de maior prestígio: carregar o pódio, uma vez que “A distinção especial do pódio vinha de cobrir o vigário e o sacramento; para tocha qualquer pessoa servia” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 962). Bentinho oferece também exemplo de formalidade religiosa associada a traços contábeis e monetários. Para alcançar graças divinas, ele prometia rezas, em quantidades cada vez maiores, sem quitação das anteriores: “Eram mais dous mil; onde iam os antigos? Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras tais promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 1004).

Em *Esau e Jacó*, há missas pobres e há as ricas (mandadas rezar pelo banqueiro Santos) que gozam de maior prestígio. Nessa religiosidade contida nas conveniências sociais, a noção de pecado se refugia na amável *formalidade*, sem provocar crises existenciais ou dramas de consciência. Brás Cubas e Virgília ferem os tabus matrimoniais, pela relação adúltera que mantêm. E daí? Conforme afirma Raymundo Faoro, o único medo que os pecadores devem ter é da polícia (1976, p. 410).

O Dinheiro se torna, na sociedade moderna, o principal fundamento em torno do qual se erige a formalidade. Ele exerce fascinação; é o ídolo que recebe afeição religiosa; é o porto seguro da alma. A segurança econômica supera a segurança da fé, conforme aponta Faoro:

A compulsão burguesa abrange todas as categorias sociais, com cores várias [...]. O pecado se retorce, esfuma-se, adquire outro miolo, perdidas suas origens teológicas. Os filhos de Adão, esquecidos da tragédia do Éden, não são mais pecadores por natureza, mas peças conscientes e astutas de uma máquina que adora o ouro. (FAORO, 1976, p. 413)

Nos escritos machadianos, a obsessão pelo ganho e acúmulo de dinheiro é permanente. Em *Esau e Jacó*, logo no início do romance, na volta da consulta à cabocla

⁶ O romance tem a religião por moldura. Dona Glória promete a Deus mandar o filho para o Seminário, por convicção religiosa. A religião e seus desdobramentos (fidelidade conjugal, piedade, obediência, etc.) são decisivos para a articulação do enredo, inclusive sob evocação de inúmeras passagens bíblicas.

do Castelo, Natividade caminha alegre, com a irmã Perpétua, que a acompanhava. Na esquina das ruas Misericórdia e São José, foram abordadas por um irmão das almas, que pediu esmola. Natividade pegou “uma nota de dous mil-réis, nova em folha, e deitou-a à bacia”. O irmão das almas era um “pobre-diabo sem mais ofício que a devoção”.⁷ No caminho, “amarrotou a nota e meteu-a na algibeira das calças: ficaram só os vinténs azinhavrados e tristes, o óbolo da viúva” (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 1079-1080). Essa nota teve o condão de tornar o irmão das almas de pobretão em ricaço. Exemplos dessa dimensão abundam nas tramas da ficção machadiana.

A religiosidade formal, sem calor nem autenticidade, pode ser notada nos sacerdotes, os profissionais do culto, sem conteúdo além da vaidade. Há uma diversidade deles. O cônego tio de Brás Cubas é assim descrito nas *Memórias póstumas*:

Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da Igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos [...]. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar – mas carecia absolutamente da força de as inculcar, de as impor aos outros. (ASSIS, 2008, vol. 1, p. 640)

Esse religioso pode ser tomado como representante da sua classe. A esse respeito, Faoro acrescenta que “o espírito sacerdotal, a entrega da vida a um ideal de louvor divino, a preocupação de fazer nascer Deus nas almas, isso passa despercebido; é utopia incompreendida e a que talvez se entreguem alguns lunáticos de mentalidade retrógrada” (1976, p. 442).

Havia, contudo, religiosos dignos, como o padre Teófilo⁸ do conto “Manuscrito de um sacristão”, que se ordenara por coerção familiar. Apesar disso, encarou com zelo a missão. Idealizou sair pelo mundo a pregar. Amava São Paulo, que tinha por modelo.⁹

⁷ Faoro diz que irmandades, se tinham nobres intenções, na prática sucumbiam a interesses pessoais: “A irmandade é irmandade só de nome, seu reino é o deste mundo, com os títulos nobiliárquicos de empréstimo. As cerimônias e festas servem, à maravilha, para a emulação dissimulada das vaidades” (1976, p. 431).

⁸ Parece haver aqui notável motivação onomástica, também muito comum em Machado, sobretudo para indicar contrastes e ambiguidades.

⁹ Para o liberalismo do século XIX, a religião católica (com a qual houve embates, inclusive de natureza política) já havia realizado a sua missão civilizadora; por isso, a ênfase se volta aos missionários de tempos míticos, como Paulo, cujo modelo de total entrega a um ideal religioso se torna incompatível com os sacerdotes modernos.

Com o tempo, ficou desiludido: perdeu a confiança na missão apostólica; tinha sido enganado e manipulado, por capricho de seu pai, que não queria o casamento com a prima Eulália, a quem o jovem religioso amava e de quem havia correspondência de sentimentos.

O sacerdote era peça-chave na organização social. Era sempre consultado antes de qualquer decisão importante no nível pessoal ou familiar. É o caso do padre Cabral, que vive na casa de Bentinho e é sempre solicitado a dar opiniões sobre tudo; o padre é guardião dos costumes e disciplinador da ordem social para a manutenção da ordem temporal. Esse privilégio impõe cadeias de compromisso com o clero e com as elites: “onde está o ‘bom padre’, o ‘advogado dos pobres’, o protetor dos humildes, o cura da aldeia, que socorre os infelizes contra os poderosos? [...] O padre não será o aliado dos pobres e desamparados, mas dos potentados” (FAORO, 1976, p. 467).

5. Manifestações de religiosidade marginal

Em ambientes nos quais faltam a convicção e a devoção sinceras, há margem para incorporação de crenças alternativas não previstas, mas efetivas funcionalmente. A religião cativa de sistemas formais toca aos olhos, não ao coração. Com isso, caminhos marginais, embora oficialmente prescritos, sobreviviam à sombra da tolerância, quando não ameaçavam as estruturas estabelecidas.

Interessante exemplo de superstição acontece com Lobo Neves, marido de Virgília (amante de Brás Cubas). Ele tinha sido nomeado Presidente de uma província, mas como o decreto tinha saído com data de 13, não aceitou a nomeação, sob a alegação de que “o pai morreu num dia 13, treze dias depois de um jantar em que havia treze pessoas. A casa em que morrera a mãe tinha o n.º 13 [...]. Era um algarismo fatídico” (ASSIS, 2008, vol. 1 p. 708).

A religião oficial não dispunha de meios – ou talvez de interesse – para interagir com demandas legítimas de espiritualidade. Nessa perspectiva pode-se entender que, em *Esau e Jacó*, Natividade tenha consultado a cabocla do Castelo. A mãe dos gêmeos era membro da alta sociedade; era esposa de banqueiro; seria baronesa; além de tudo, era católica praticante – embora fosse dessas que frequentam a igreja mais para reforço da condição social do que por desejo sincero e espontâneo, sustentado em legítima projeção para a transcendência.

O conto “A cartomante” (ASSIS, 2008, vol. 2, p. 447-453) enfoca o impacto de crenças marginais, de forma dramática, tendo por mote ficcional o adultério. Rita, seu esposo Vilela e Camilo: “Uniram-se os três”, diz o narrador. Certa vez, Camilo ria por ter Rita consultado uma cartomante. Ele não acreditava nisso, embora tivesse sido supersticioso na infância por influência da mãe, coisa que a maturidade sufocou. Rita considerava que “havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo”. Ela ficou impressionada com a cartomante, que tudo adivinhara. Certo dia, Camilo recebe um bilhete de Vilela: “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Ainda que tomado por apreensão justificada, decide ir; no caminho o *carro* para em frente à casa da cartomante, em virtude de um acidente. Ele quis entrar: “nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas”. As superstições de antigamente com intensidade se renovaram. Na rua os homens que estavam se ocupando do acidente gritavam: “Anda! agora! empurra! vá! vá!”.¹⁰ Decide, então, ir, pois nada tinha a perder. A cartomante, olhando-o por baixo dos olhos, *adivinha* o motivo da consulta, o que o deixa tranquilo e confiante. Sai aliviado: “Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo”. Dirigiu-se resoluto à casa de Vilela: “Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: – ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão”.

O conto retrata a falta de correspondência entre superstição e realidade; o futuro não se pode conhecer; práticas de adivinhação são alimentadas por anseios de domar o destino dos seres humanos, coisa impossível. Fica esse registro de crenças da época e sua incorporação na ficção machadiana. A cartomante representa adivinhos que se caracterizam “pela recepção passiva das mensagens dos espíritos e deuses [...] em captar intuitivamente as maquinacões do reino invisível” (FAORO, 1976, p. 469).

As formas populares de expressão religiosa sofrem preconceitos, não somente sociais (desprezo das classes altas), mas também intelectuais (desprezo das classes cultas). Isso se percebe nas reações diversas da sociedade de então a fenômenos populares, como o do profeta Benta Hora, e ao movimento religioso de Antônio

¹⁰ O tino ficcional e a habilidade narrativa de Machado fazem com que tais palavras tenham papel ambíguo; elas projetam alguma força na mente de Camilo, possivelmente, como se a ele fossem dirigidas; ele que estava apreensivo com o bilhete recebido de Vilela e muito preocupado com o desfecho do caso. Sem falar que, em outros momentos do conto, fica indicada a vinculação entre o estado interior de espírito e a projeção desse estado para o mundo exterior. No momento em que ouviu tais palavras (dirigidas em situação exterior), Camilo pode ter tomado uma decisão, influenciada por intensa tensão, vivida de forma dramática (interiormente).

Conselheiro, que mereceram reações singulares do cronista Machado de Assis que, de forma corajosa, defende o direito de livre manifestação religiosa. Machado não seguiu o cortejo dos que condenaram Conselheiro e Benta Hora, cujos movimentos deveriam ser vistos como empecilhos à civilização e aos ideais de *ordem e progresso*, concebidos por princípios filosóficos e políticos positivistas então vigentes, reproduzidos de movimentos europeus, diante dos quais Benta Hora e o Conselheiro seriam bárbaros, fanáticos e, portanto, contrários aos anseios dominantes da nação. Manuel da Benta Hora foi um profeta popular que teve pouco mais de 100 seguidores no interior da Bahia. Em de 13 de setembro de 1896, o cronista defende a liberdade de *profetar*, que, afinal, seria igual à de escrever, imprimir, orar, gravar, de saltar e roubar:

ainda que esse Antônio Conselheiro fosse um saltador, por onde se há de atribuir igual vocação a Benta Hora? E, dado que seja a mesma, quem nos diz que, praticado com um fim moral e metafísico, saltar e roubar não é uma simples doutrina? Se a propriedade é um roubo [...], por que é que o roubo não há de ser uma propriedade? (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 1316-1317)

Machado, diferentemente da tendência dominante, trata o movimento de Canudos com imparcialidade e serenidade. O escritor menciona-o em algumas de suas crônicas, sem reforçar o sumário julgamento negativo, quase unânime, com que o líder de Canudos foi apreciado.¹¹ Para Faoro, “Machado de Assis preservou, aos primeiros brados do campo, o mundo nativo, recusando esmagá-lo nas categorias oficiais” (1976, p. 478).

O cronista Machado, que sempre defendeu a liberdade da crença religiosa, envolveu-se em uma polêmica com o jornal católico *A Cruz*, contra o qual se manifestou em razão de desvirtuamento do direito de livre expressão. A polêmica atingiu o auge por ocasião da recepção do livro *A vida de Jesus*, de Renan:

A Cruz é realmente cruz. Serve para experimentar a fé dos católicos; se, no fim de um mês de leitura, o católico não tem perdido a fé em que vive, está livre de tornar-se herege. Isto é o que acontece nas outras partes, com outros jornais do mesmo gênero, quer se chamem o *Universo*, a *Nação* ou a *Grita*.¹² (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 150)

¹¹ O movimento de Canudos foi um importante acontecimento de contornos populares, relevantes por suas implicações sociológicas, além de religiosas; um jeito próprio de interpretar e de aplicar a Bíblia a uma realidade específica se destaca no movimento messiânico de Antônio Conselheiro. Vasconcelos (2010) põe à luz novas questões sobre Conselheiro e sua gente, e reescreve a história deles, sob a perspectiva das motivações bíblicas e religiosas que a ele se atrelam.

¹² A propósito, disputas com o periódico *A Cruz* foram inúmeras em torno da publicidade da caridade. Machado se serviu da figura bíblica da mão direita, do “Sermão do Monte” (Mateus 6.3), que recomenda

Tende-se a condenar movimentos marginais por serem considerados inautênticos. O caso do missionário Kelly, alcunhado “O Bíblia”, é outro lance polêmico envolvendo o periódico católico. Em 22 de novembro de 1864, a propósito de violência contra protestantes (em Niterói houvera excessos contra um vendedor de Bíblias protestantes), *O Cruzeiro* (novo nome de *A Cruz*) reprova ação do governo, favorável ao protestante. Machado, novamente, sai em defesa da liberdade à palavra: “Mas, a Constituição garante a liberdade religiosa, e não há liberdade religiosa como bem lembra a *Imprensa Evangélica*,¹³ sem proselitismo – de outro modo fora burlar o princípio” (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 229). O jornal católico queria que o governo proibisse a atividade dos metodistas. Sobre a publicação de *O Cruzeiro*, Machado afirma:

O procedimento de uma religião que é a verdade devia ser outro; em vez de apelar para a força do governo, deveria apelar para a palavra do clero, a quem incumbe combater as doutrinas que se vão propagando. Serão estas o erro? Tanto melhor para os que defendem a verdade [...]. (2008, vol. 4, p. 229).

O metodista era um certo Dr. Kelly. Machado novamente evoca a Constituição, em favor dos protestantes, na crônica de 29 de novembro de 1864: “A força da civilização está na consciência e não nos dogmas” (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 276). Na mesma crônica, faz referência ao epíteto – O Bíblia – e diz que seria uma pena o Dr. Kelly não continuar com sua pregação (ASSIS, 2008, vol.4, p. 233). O cronista critica a Constituição do país: “o defeito da constituição está em não ter completado a liberdade, tirando os entraves que lhe impõe, e em declarar a religião católica como religião do Estado” (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 231).

Outra manifestação religiosa, o espiritismo, começava a ser importado da Europa e, por ser cultivado nas camadas cultas, angariou mais prestígio do que as manifestações religiosas populares, consideradas de menor importância.¹⁴ É o caso do

segredo das boas ações. Nas crônicas, escancarava a falsa benemerência dos senhores que, a pretexto de favorecerem escravos com a liberdade, tiram proveito da situação deles, com a devida publicação da *generosidade*.

¹³ O jornal *Imprensa Evangélica*, fundado em 5 de novembro de 1864, sobrevive, ainda, sob o nome *O Estandarte* (fundado em 7 de janeiro de 1893), órgão de comunicação oficial e mensal da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

¹⁴ A Federação Espírita Brasileira foi criada em janeiro de 1884, no Rio de Janeiro. Na Europa pessoas pertencentes à elite acreditavam nas ideias desse sistema religioso. O cronista zomba disso, em 5 de outubro de 1885: “Desde que li em um artigo de um ilustre amigo meu, distinto médico, a lista das pessoas eminentes que na Europa acreditam no espiritismo, comecei a duvidar da minha dúvida. Eu, em

casal Natividade-Santos de *Esau e Jacó*. Ele era espírita: “Santos repele a crença na cabocla porque a gente distinta a despreza” (FAORO, 1976, p. 474).¹⁵

A crônica de 5 de outubro de 1885 narra uma experiência espírita: o cronista foi em espírito à sala da Federação Espírita, deixando seu corpo em casa, que foi ocupado pelo diabo para um ligeiro descanso. Outra, de 29 de agosto de 1889 (Machado está em sua maturidade literária, aos 50 anos), em tom irônico, formula críticas ácidas sobre essa religião então incipiente:

Os espíritas que me lerem hão de rir-se de mim, porque é balda certa de todo maníaco lastimar a ignorância dos outros. Eu, legislador, mandava fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas [...]. (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 877)

Independentemente de ter Machado aceitado ou não essa fé, suas críticas são referência para o estudo da história do espiritismo no Brasil, sobretudo no período de sua implantação. Além disso, Elaine Cristina Maldonado indica que,

ao questionar o espiritismo, ironizando-o como é uma de suas características, Machado de Assis levantava questões que, ao que parece, não buscavam desmoralizar a doutrina, mas instigar no leitor um questionamento a fim de compreender o que essa nova forma de crença pregava. (2007, p. 7)

O escritor brasileiro demonstra ter aguçada percepção do fenômeno religioso, suas possibilidades e limites, o que explorou com genialidade ficcional, coragem e isenção.

Considerações finais

A religião não é tema de menor expressão em Machado, que a retrata com pena atenta aos movimentos inconfessáveis da alma humana. É sob inspiração literária e filosófica que personagens e práticas religiosas são retratadas em sua ficção, que não tem compromissos com princípios confessionais nem com tradições teológicas. Confinada a convenções sociais, a religião se submete às contingências humanas; torna-se sistema fechado; conforma-se a elementos doutrinários ineficientes para suprir demandas religiosas legítimas. Não há êxtases nem arrebatamentos, muito menos euforia utópico-apocalíptica.

geral, creio em tudo aquilo que na Europa é acreditado [...] e já agora não mudo, nem que me rachem” (ASSIS, 2008, vol. 4, p. 639).

¹⁵ Os contos “Uma visita de Alcebiades” e “A segunda vida” põem em debate desdobramentos religiosos ligados ao espiritismo.

Claudinei Maria sintetiza o que até aqui foi discutido sobre o tema:

Não se vê nos romances machadianos aquela tensão religiosa, aquela busca mística, o elã metafísico (no sentido de compreensão do mistério da existência, sua relação a uma providência onisciente de um deus que se interessa por sua criação e tem desígnios especiais sobre ela, culminando com o desejo de que esta entre em comunhão consigo, na medida de capacidade de cada ser em particular). Em Machado isso não acontece. Nele, a religião cumpre seu papel de convenção social e é um dos tantos elementos tradicionais que se achavam presentes na sociedade burguesa nacional de então. (2013, p. 213)

Machado transita pela marginalidade, pela divergência, pela iconoclastia; edifica trincheiras pela defesa da liberdade, contra qualquer imposição, inclusive – e principalmente – de natureza religiosa. Esse livre-pensador incomoda, mas ajuda a firmar convicções.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, H. B. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- ASSIS, M. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- BARBOSA, D. M. Pelo centenário de Brás Cubas. *Jornal do Brasil*, 6 ago. 1980.
- Disponível em:
<http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1980/ACL_1980_52_Perenidade_e_Extensao_de_Adolfo_Caminha_Edigar_de_Alencar.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.
- BRANDÃO, O. *O niilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Simões Editora, 1958.
- BRUM, F. M. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CONCEIÇÃO, D. F. R. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo.
- FAORO, R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.

MALDONADO, E. C. Machado de Assis e o Espiritismo: uma análise dos elementos espíritas presentes em contos machadianos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais Anpuh*, São Leopoldo, v. 24, 2007.

Disponível em: <<https://anais.anpuh.org/?p=14710>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

MARIA, C. *Nos desvãos da escrita: a Bíblia, nas narrativas de Brás Cubas, Bento Santiago e do Conselheiro Aires*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Unicamp, Campinas.

PROENÇA, P. S. Literatura, Bíblia e Teologia: Machado de Assis em foco. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, v. 9, p. 26-43, 2012.

QUEIROZ, M. E. *Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

VASCONCELOS, P. L. *Do Belo Monte das promessas à Canudos destruída: o drama bíblico na Jerusalém do sertão*. Maceió: Catavento, 2010.